



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15879 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 12 - Currículo

**SOBRE NECROCURRÍCULOS E AS MONSTRUOSIDADES PERIFÉRICAS: DIÁLOGOS COM COTIDIANOS MARGINAIS E FAVELADOS**

Jeferson Maske - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

O trabalho proposto emerge dos resultados e discussões de minha dissertação de mestrado, que defendeu o sentido polifônico dos currículos criados *na, da e com* as favelas por estudantes e professores em suas *prácticasteorias* cotidianas, apostando na criação curricular e na formação docente desenvolvida nesses espaços de trocas e partilha de conhecimentos que são as escolas públicas. Compreendendo as escolas e os currículos como espaços (Certeau, 2014, p. 182) territoriais em disputa, sendo, portanto, atravessados a todo instante por histórias de vida, estéticas e vivências, o experimentado é simultaneamente singular e plural, sendo o currículo como criação (Oliveira, 2016) fruto de manipulações constantes dos sujeitos – professores e estudantes – das escolas públicas localizadas em favelas e zonas periféricas, criando a noção de um *currículo favelado*.

A escrita aposta na pesquisa nos/dos/com os cotidianos como metodologia de pesquisa, e objetiva discutir uma noção de currículo que opere na pesquisa como lugar próprio criado a partir da hibridização (Bhabha, 2013, p. 23) favela-escola, que devora as prescrições curriculares oficiais e criam novas formas de praticar sentidos nesses espaços, simultaneamente com o medo do desconhecido, a aversão ao diferente e a perversidade curricular que transformam os currículos prescritivos em necrocurrículos, em que políticas de morte e exclusão atravessam os fazeres cotidianos e minam as possibilidades de alteridade entre pessoas e conhecimentos.

Distante de tecer quaisquer tipos de críticas aos trabalhos apresentados, lembrei-me de que durante a 41ª Reunião Nacional da ANPEd, em 2023, tive o prazer de assistir aos trabalhos de alguns grupos de trabalho/estudos, e em uma das sessões de apresentação foi

discutida a ideia de *vida bonita*. Certamente, se acreditamos que os currículos são criações praticadas cotidianamente (Oliveira, 2016) e que tais criações são gasosas e estão sempre em movimento, há fôlego, há vida. Por outro lado, adjetivar essa vida como *bonita* implica negar dados que refletem a expressiva desigualdade social que permeia diferentes contextos e culmina em um cenário de medo, insegurança, subtração de direitos e luta pela sobrevivência. O relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura de 2022 apontou *21,1 milhões de pessoas em estado caracterizado de fome*. Já o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, por outro lado, afirma *que o cenário nacional é de manutenção da taxa de 3,2 mortos por letalidade policial a cada 100 mil habitantes, mostrando que 83% dos mortos pela polícia em 2022 no Brasil eram negros e 76% tinham entre 12 e 29 anos*. No estado do Rio de Janeiro, no momento em que escrevo este trabalho, julho de 2024, são 12 o número de crianças atingidas por tiros, a maioria vítima de balas perdidas. Para essas pessoas, a vida bonita é uma utopia inalcançável, se é que existe vida, pois em alguns muitos contextos o direito a ela já lhes foi subtraído. Na favela, por exemplo, quando a polícia entra, entra para matar. Nos necrocurrículos, quando a racionalização das aprendizagens impera e transcende o que é definido como saber, morrem epistemologias.

Os breves dados trazidos neste trabalho, à medida que se relacionam à banalidade da morte e à fragilidade da vida humana, denunciam um modelo de segurança que adota a morte como política de gestão pública a partir da qual se decide quem – ou o quê – deve ou não morrer, o que Mbembe (2016) chama de necropolítica, “formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte” (Mbembe, 2016, p. 146). A política de morte que volteia as favelas e periferias, para além da afirmação de que é preciso exterminar algumas pessoas ou grupos para garantir a ordem pública e o bem-estar de outros, não se limita às operações policiais e aos homicídios cometidos nelas, mas se estende por vários caminhos das vidas dessas pessoas na medida em que quando se nega a legitimidade, quando se exclui, subalterniza, faz-se necropolítica, produzem-se necrocurrículos.

Redimensionar a noção do quão monstruoso implica deslocar a crença de que existe uma centralidade para os sentidos, notando os caminhos por vezes convergentes/divergentes pelos quais andamos em nossas salas de aula nas escolas públicas, caminhos traçados por andarilhos curriculares que muito nos dizem do terror da vida cotidiana, escancaradamente notado/vivido nos guetos de violência identificados por formas únicas e higienistas de perceber o mundo. Os que fogem desses prismas epistemológicos, como os que *não sabem nada e não têm jeito* (Silva, 2012), e partilham os espaços na cidade (Coelho, 2009) são os mesmos que habitam as salas de aula quando a monstruosidade da aversão à feiura é transferida para aquele que sofre com essa própria forma de hostilidade, tornando-os abomináveis, ainda que defendamos que “se monstros existem são aqueles que têm a pretensão a um saber absoluto” (Maffesoli, 2000).

Como podemos aprender brevemente com o campo da interccionalidade, valorizar a riqueza das múltiplas identidades que tornam cada indivíduo único (Collins; Bilge, 2021) é também reconhecer que a identidade “é um processo de devenir que nunca se completa”

(p.188) e que esse trânsito constante, que denota a circularidade (Ginzburg, 2006, p. 12) dos saberes, fazeres, vivências e experiências que nos constituem, afasta-nos de qualquer tipo de categorização, hierarquização e divisão, ainda que a monstrosidade encaminhe a diferença para as margens. Falar da apropriação das verdades que nos tornam superiores e governam as nossas ações por vezes implica falar também dos necrocurrículos e do seu rigor cientificista responsável por fazer emergir normatividades, alimentando certezas que “retiram a autonomia dos professores e o direito à diferença dos estudantes, como leitores dos textos escritos e inventores, tecelões/bricoleurs dos seus significados em suas vidas cotidianas” (Süssekind; Santos, 2016).

**Palavras-chave:** necropolítica. necrocurrículos. saberes marginais.

## REFERÊNCIAS

Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/08/anuario-2023-texto-03-a-heterogeneidade-territorial-da-letalidade-policia-no-brasil.pdf> Acesso em: 10. jul. 2024.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

COELHO, Gustavo. Pixações na metrópole: uma pedagogia fora da lei. *32ª Reunião Anual da ANPEd*, 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT24-5832-- Int.pdf> Acesso em: 11 jul. 2024

COLLINS, Patrícia Hills; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Companhia das Letras: São Paulo, 2006.

Jornal O Dia. *Tiroteios já deixaram 12 crianças e adolescentes baleados no Rio em 2024*. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2024/03/6809409-tiroteios-ja-deixaram-12-criancas-e-adolescentes-baleados-no-rio-em-2024.html> Acesso em: 11 jul. 2024

MAFFESOLI, Miché. *A república dos bons sentimentos*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *O currículo como criação cotidiana*. Rio de Janeiro: Faperj, 2016.

Relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Disponível em: <https://www.fao.org/3/CC3017EN/online/CC3017EN.html> Acesso em: 10 jul. 2024.

SILVA, Rodrigo Torquato da. *Escola-Favela, Favela-Escola: Esse menino não tem jeito*. Rio de Janeiro: Faperj, 2012.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; SANTOS, Wilza Lima. Um Abaporu, a feiura e o currículo: pesquisando os cotidianos nas conversas complicadas em uma escola pública do Rio de Janeiro. *Momento - Diálogos Em Educação*, 25(1), 273–288, 2016.